

**HERANÇA DA CONTRACULTURA: A COMUNIDADE HIPPIE DE
AREMBEPE, CAMAÇARI-BAHIA (1984 - 2011)**

Getúlio Cavalcante de Sousa

Orientador: Francisco José Gomes Damasceno

Universidade Estadual do Ceará UECE. Mestrado Acadêmico de História MAHIS

getulio.cavalcante@hotmail.com

A chamada comunidade hippie de Arembepe se denomina uma das últimas e legítimas comunidades hippies do Brasil. Deste modo parece muito pertinente iniciar questionando: o que significa ser uma aldeia ainda denominada hippie depois de quatro décadas? Entendemos que seria um lugar em que uma autodenominada contracultura sobreviveria fomentando, pois, um importante espaço de estudos sobre as fronteiras culturais. Neste quadro de fronteiras e circularidade cultural se encontram severas lutas entre poderes sociais ao longo do tempo, engendrando nossos problemas específicos. Com efeito, segundo André Cabral:

A ideia de fronteira cultural torna-se cada dia mais atraente aos historiadores, porém vista de fora uma fronteira cultural que parece bem definida pode não parecer tão clara quando vista de dentro das culturas. Essa definição cumpre duas funções: uma como zona de encontro entre duas culturas diferentes, que acabam formando uma cultura diversa, híbrida das sociedades em contato; e uma como zona de barreira em que obstáculos físicos, políticos e culturais, diminuem as interações ou as desviam para outros canais. (HONOR: 2009 p.10)

Nesse sentido, pretendemos examinar as relações de força e resistência a esta dominação. Objetiva-se, pois reconstituir historicamente os canais pelos quais uma chamada contracultura é transmitida e se (re)significa ao longo do tempo. Com isso, avaliar as práticas sociais de resistência e mudança da aldeia e observar as relações individuais e coletivas clarificando seu papel histórico no cotidiano do trabalho, do lazer e em face da natureza. O que mudou nos últimos quarenta anos, nestes três âmbitos na aldeia hippie de Arembepe? Investigaremos por fim, o espaço das práticas ideológicas que procuram as transformações destas utopias (re)construindo as ferramentas de inserção/apropriação da chamada cultura hippie. Para Luís Carlos Maciel, colaborador do Pasquim nos anos 1970:

O termo “contracultura” foi inventado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de manifestações culturais novas que floresceram, não só nos Estados Unidos, como em vários outros países, especialmente na Europa e, embora com menor intensidade e repercussão, na América latina. Na verdade, é um termo adequado porque uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades do ocidente. Contracultura é a cultura marginal, independente do reconhecimento oficial. No sentido universitário do termo é uma anticultura. (PEREIRA: 1984, p.13)

Levantando algumas questões sobre a problemática da contracultura atualmente, a pergunta que fica é a seguinte: ainda há espaços para movimentos contraculturais? Sem dúvida, eles mudaram de configuração; afinal, vive-se o período da pluralidade de pontos de vista, da busca ao respeito à diversidade cultural e do vigor do multiculturalismo, do boom dos meios de comunicação de massa, da expansão da mídia digital e da globalização da economia. Qual é o poder hegemônico hoje? O que significa ser de vanguarda nas artes? Quem são os rebeldes contraculturalistas? Crê-se que, assim como o momento exige uma reformulação política, ideológica, estrutural, também exige uma nova forma de pensar a contracultura. Pensar em movimentos contra-hegemônicos ao consumismo e à violência simbólica sofridos pelas massas parece ser o novo caminho contracultural.

Alguns autores apontam para a fragmentação dos movimentos contraculturais atualmente. Não existem mais referências ou grandes causas que seduzam os rebeldes. Estaria o mundo vivenciando um momento de estagnação dos movimentos contraculturais? Os moradores da aldeia de Arembepe estão inseridos no amplo contexto supracitado de questões em que a sua aldeia atua para incorporar as contradições e os conflitos. Cultura e sociedade, portanto, quando tratadas de forma relacional permitem abordagens que salientam tanto a diversidade das relações sociais quanto a multiplicidade de significados dos códigos culturais, numa perspectiva dinâmica e historicamente construída pelos sujeitos sociais.

Ken Goffman Dan Joy e falando sobre a contracultura ao longo de um período da história que contempla nossa pesquisa explica que:

“a contracultura parece ser um desafio à própria noção de história. Para os que se rebelam contra a tradição, os exploradores que buscam novos territórios conceituais e (em alguns casos) os defensores do

Eterno Agora, a história parece ser, na melhor das hipóteses, exótica e, na pior, o inimigo.. No final das contas, o conceito ocidental de história como uma narrativa continuada, definida basicamente por grandes líderes, estruturas sociais variáveis e as mutáveis fronteiras entre nações-estado antagônicas parece que quase explicitamente projetado para nos amarrar a uma visão hegemônica do potencial (muito limitado) da humanidade. Nesse contexto, o registro histórico conspira para nos convencer de que o predomínio de comportamento não-contraculturais, como conformismo e autoritarismo, é o que define a humanidade. Algumas vezes somos tentados a dizer que na verdade, aqueles que recordam a história são condenados a repeti-la.” GOFFMAN, Kem; JOY, Dan: 2007, p. 45)

Na visão desses autores, ao longo da História, com maior ou menor intensidade, sempre houve uma contracultura, ou seja, uma oposição ao *establishment*. Assim, por exemplo, o Iluminismo pode ser considerado uma contracultura em relação ao Antigo Regime. A expressão contracultura foi popularizada pelo historiador Theodore Roszak em seu livro *The Making of a Counter Culture*, de 1968. Alguns autores falam que especialmente nos EUA, a grande novidade do período pós-guerra é que começava a constituir num exemplo de sociedade tecnocrática afluente, sintetizada no *American Way of life* (modo de vida americano). Roszak, por exemplo, caracteriza como uma “cultura de oposição política”, especialmente contra a tecnocracia e o complexo industrial-militar do pós-guerra.

De um modo geral, podemos citar como características principais deste movimento, nas décadas de 1960 e 1970: valorização da natureza (ecologia); vida comunitária; luta pela paz (contra as guerras, conflitos e qualquer tipo de repressão); vegetarianismo; respeito às minorias raciais e culturais; experiência com drogas psicodélicas; liberdade nos relacionamentos sexuais e amorosos; anticonsumismo; aproximação das práticas religiosas orientais, principalmente do budismo; crítica aos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão; discordância com os princípios do capitalismo e economia de mercado; forma despojada e livre de expressão artística.

O movimento hippie, portanto, fez parte do contexto de manifestações juvenis do pós Segunda Guerra Mundial que a imprensa e a academia abordam se referindo ao conceito de contracultura da década de 1960. Os jovens adotavam um estilo de vida comunitário e/ou nômade, contrários ao nacionalismo e a Guerra do Vietnã, adotavam

aspectos de religiões orientais como o budismo, hinduísmo, bem como as religiões das culturas nativas norte-americanas e buscaram viver fora dos padrões e valores tradicionais da classe média. Eles entendiam que o paternalismo de Estado, as corporações empresariais de indústria e comércio, assim como os valores sociais tradicionais fazem parte do mesmo *establishment*, o qual se recusaram conferir legitimidade.

Deste modo, examinaremos as relações históricas da comunidade hippie com o poder público em âmbito municipal, estadual e federal avaliando as práticas sociais de resistência e de mudança. Avaliaremos as relações sociais dos habitantes da aldeia com a comunidade em seu contexto mais amplo incluindo o município de Camaçari e o estado da Bahia. Nos anos 1960, muitos jovens passaram a contestar a sociedade e questionar os valores tradicionais. Os movimentos de contestação iniciaram nos EUA. Os hippies defendiam como principal bandeira, o amor livre e a não violência sintetizados no epíteto “Paz e Amor”.

Com relação ao Brasil, essa tarefa de definir a contracultura se torna mais complexa, uma vez que é uma influência cultural exterior que acabou sendo também absorvida por parte da juventude como uma moda e não uma ideologia. Aqui, sua chegada se dá através das artes plásticas de Hélio Oiticica que inspira a estética do Tropicalismo. Deste modo, é possível situar inicialmente que a contracultura, teve origens na geração beat, manifestou-se de forma heterogênea, expressando-se de diferentes formas no mundo. Alguns aspectos culturais, herança da contracultura, ainda persiste em Arembepe, nestes termos, ainda não foi abordado com a relevância merecida. Ainda existe, pois, uma lacuna da historiografia e muitos aspectos do comportamento dos jovens que protagonizaram aquele momento histórico poderá ser examinado, pois como afirma Roszak:

Em minha opinião, o rompimento cultural que a rebelião da juventude está fazendo surgir entre ela e a tecnocracia tem exatamente essa dimensão, tão intensa em suas implicações (embora, obviamente, não em consequência histórica ainda), quanto à brecha que um dia se abriu entre o racionalismo grego-romano e o mistério cristão. É claro que nos últimos dois séculos, a sociedade ocidental incorporou várias minorias cujo antagonismo em relação à concepção cientificista do mundo tem sido irreconciliáveis. (ROSZAK: 1972, p.62)

Defendo a ideia de que a comunidade hippie é uma dessas minorias relevantes pelas suas proposições que estudo incorpora e dimensiona. Os objetivos desta pesquisa são: conhecer a cultura hippie e buscar compreender sua dinâmica ao longo do tempo; Avaliar a experiência coletiva da aldeia hippie de Arembepe no contexto da contracultura da época de sua fundação em confronto com as (re)significações da sua situação social, política e cultural hoje. Os jovens da contracultura no Brasil foram chamados de “udigrudis”, “marginais” e “desbundados”. Entretanto eles se auto definem como “malucos”. A contracultura aqui ficou associada apenas às manifestações artísticas, mas esta visão é questionada por Cesar Augusto de Carvalho. Segundo o autor: os jovens da contracultura no Brasil durante a década de 1980 não eram mais os rebeldes, mas recusam a sociedade de consumo, buscam formas comunitárias de viver, criticam a ciência ocidental e defendem a bandeira ecológica.

Assemelhados aos hippies dos anos 60, os jovens alternativos apresentavam, no entanto, uma característica diferenciadora que denunciava uma radical mudança na postura comportamental: no lugar de contestar o sistema, abandoná-lo ou viver à sua margem sua prática consistia em negociar alternativas (CARVALHO: 2008, p.19).

Cesar Augusto de Carvalho afirma que no fim da década de 1970 e durante a década de 1980, percebe um fenômeno que a imprensa chamou de Movimento Alternativo no Brasil. Os jovens da classe média urbana abandonavam a casa dos pais e iam morar em comunidades alternativas distante de centros urbanos. A diferença dos hippies é que ao invés de contestar ou abandonar o sistema, os jovens propunham negociar alternativas, mas conservaram traços ligados à questão ecológica e ao misticismo. Tema que remete ao uso das plantas de poder para atingir outros níveis de percepção. O LSD e a cocaína estavam em desuso por ser considerado produto químico.

Então, como explicar o fenômeno, se muitos afirmam que a contracultura no Brasil se resumiu as artes e ao Tropicalismo? E depois que a Ditadura Militar transformou o sonho em pesadelo após a institucionalização do autoritarismo com o (A-I 5)? E depois que John Lennon, um dos expoentes da contracultura hippie, ter afirmado que “o sonho acabou”? Como explicar o movimento alternativo? Antes de comentar a respeito do problema, vamos expor as principais características do movimento.

Os jovens se preocuparam em criar alguma estrutura organizacional. Desenvolveram o ENCA - Encontro Nacional de Comunidades Alternativas reunindo-se

uma vez por ano para debater a organização do movimento, enquanto os *beats* e *hippies* tinham a prática da espontaneidade.

O projeto dos pólos de preservação ecológica foi criado pela ABRASCA - Associação Brasileira de Comunidades Alternativas com parceria governamental. Os pólos serviram de convergência para os grupos que quisessem sair da cidade em direção ao campo. O movimento cresceu rápido atraindo muitos interessados. Com o objetivo de imprimir uma nova dinâmica de recolonização de essência alternativa.

O projeto definia alguns elementos do ideário alternativo que serviriam de orientação a seus militantes. Tais elementos permeariam o trabalho comunitário e baseado no consenso estabelecido espontaneamente entre as pessoas garantiriam a coesão do grupo. Seus principais pontos: 1) alimentação integral vegetariana; 2) práticas de medicina e formas naturais de tratamento; evitar, ao máximo, o uso de medicina alopata; 3) desenvolvimento de uma relação fraternal entre seus membros; 4) formas cooperativistas como relação econômica a ser privilegiada; 5) desenvolvimento das comunidades como elemento motivador de retorno do homem ao campo; 6) universalismo ideológico e religioso, respeitando as mais diversas formas de pensar e de religiosidade; 7) busca constante do autoconhecimento como base para as relações sociais; e 8) coerência entre discurso e a prática cotidiana. (CARVALHO: 2008, p.33).

Esses pólos comunitários tinham o objetivo do uso de energias alternativas para o manejo da terra como a energia solar, hidráulica e biomassa. Nos anos 80, os jovens desenvolveram pensamento crítico em relação à ciência, mas incorporaram racionalidade aos aspectos místicos e espirituais após as publicações das obras *O Tal da Física* e *O Ponto de Mutação* de Fritjof Capra buscando sistematizar no mesmo plano: razão, fé, ciência e espiritualidade. Entre outros, esse era o tipo de resposta que os alternativos buscavam.

Diferente da tese de superação do capitalismo e das ideias desenvolvidas por Marcuse com a teoria da Grande Recusa da sociedade tecnocrata. Fazendo uma releitura do marxismo, Marcuse acredita que a revolução proletária só se realizará com a vanguarda da juventude estudantil e rebeldes da contracultura.

A teoria crítica da sociedade não possui conceito algum que possa cobrir a lacuna entre o presente e o seu futuro; não oferecendo promessa alguma e não ostentando êxito algum, permanece negativa. Assim ela deseja permanecer leal àqueles que, sem esperança deram e dão sua vida à Grande Recusa.

No início da era fascista, Walter Benjamin escreveu: “somente em nome dos desesperançados nos é dada esperança” (MARCUSE: 1982, p.235).

O movimento alternativo pretende experimentar e conhecer outro sistema de valores. A busca de um “universo alternativo” como oportunidade de refletir sobre a crise geral da sociedade e da racionalidade, propor novas possibilidades para vida humana, questionar a primazia da lógica da razão, porém sem descartá-la. A criação de institutos governamentais e comissões para implementar medidas ecológicas fez parte da negociação de alternativas. A agricultura sem agrotóxicos, plantas medicinais, valores místico e xamânicos. Ao eleger a ecologia como prioridade, o movimento alternativo busca preservar a vida e integrar o homem ao cosmos.

O uso das substâncias alucinógenas figura entre as principais características do movimento. Esses jovens também buscam o “retorno ao tempo mítico”. Na releitura dos mitos ligados ao fim do mundo, a droga é entendida como propulsora de transformação espiritual. Pois, na linguagem astrológica, a contracultura advoga a tese que vivemos uma transição da era de peixes para a era de aquário que determinará mudança radical na humanidade. Decorrente dessa crise até mesmo a existência vida se coloca em xeque. Então a contracultura seria a articulação de um estilo de vida que ajudaria a recuperar a Idade de Ouro perdida.

No Brasil, os aspectos místicos e a crença em seres extraterrestres ganham importância e se articularam ao discurso da contracultura. Algumas comunidades nasceram sobre a influência ufológica e teosófica. Dentre elas, a mais conhecida é O Projeto Alvorada no Planalto Central. Foi um trabalho liderado por Luiz Gonzaga Scortecci de Paula. Essas ideias também estão presentes nas profecias de Dom Bosco, um Santo italiano, que previu um futuro grandioso para a América do Sul. Uma civilização na “terra prometida” nas proximidades do paralelo 15.

Então, qual foi o resultado real produzido pelas comunidades? Os pólos tiveram pouca importância em termos estatísticos, mas as consequências na formação de uma nova mentalidade foram enormes. Foi uma espécie de solução de continuidade do movimento contracultural.

O movimento alternativo provocou, ao meu ver, o último deslocamento possível, cujo foco foi a questão ecológica. Depois dele o que restou foram os fragmentos criados, assimilados e

desenvolvidos ao longo desses anos que se incrustaram no comportamento coletivo de muitos personagens contemporâneos (CARVALHO: 2008, p. 34).

É possível que estudar o Movimento Alternativo como um intelectual torne a compreensão limitada. A experiência individual se faz necessário para se chegar a “compreensão orgânica”. O Movimento Alternativo não é um programa político ideológico, mas uma tomada de consciência individual de busca do autoconhecimento. O universo alternativo era resultado do sonho dos hippies que se resumia numa postura diante do mundo baseado numa filosofia: a do princípio único.

As áreas que atraem alternativos mantêm suas portas sempre abertas a qualquer um que chegue para procurar abrigo. Os anfitriões se empenham em garantir hospedagem e alimentação aos visitantes e jovens que se propunham a aderir ao movimento e morar entre os alternativos. A rede de relações de solidariedade desenvolvida torna-se uma característica importante naquele contexto do movimento. Articulando os elementos daquela surda “conspiração aquariana”.¹

A maioria das revoluções propunha uma mudança no modo de contemplar as necessidades humanas sem questionar seu fundamento natural. Com a contracultura houve uma mudança de foco: tratava de recuperar o fundamento natural da vida, a condição humana colocada em perigo.

Ao pesquisar o Movimento Alternativo pelo Brasil, Carvalho afirma que as comunidades se foram, mas os alternativos ficaram. A falência das comunidades na Chapada dos Guimarães apontou para outra direção: a formação de um tipo de apoio mútuo entre os integrantes da rede alternativa. Passa pela formação de outro tipo de sociabilidade que não se importava em manter relações mercantis, mas dava prioridade à natureza dela: o seu caráter mítico. Recuperar as condições da vida humana, atribuir à natureza uma força que ela nunca perdeu era a essência desse movimento. No universo alternativo, saúde e medicina nutrem uma relação estreita com filosofia e agricultura. Uma compreensão ecológica do universo, buscando produzir os alimentos com essa ótica se faz necessário. Os interesses por questões ligadas a saúde, medicina, agricultura e alimentação levou ao surgimento de uma linha editorial específica nos anos 80. Graças aos meios de comunicação, as práticas alternativas ganharam um segmento de mercado, hoje crescente no Brasil.

Em busca do “hippie perfeito”, percebemos que os alternativos também estão à procura de uma filosofia de vida alternativa. Elegem um ou outro dentre os temas referidos anteriormente e procuram aprofundar a compreensão do significado em sua vida, de acordo com as experiências individuais. Em comum a todos os alternativos, podemos citar a preocupação com a ecologia, o equilíbrio energético do ecossistema, que possibilite a continuidade da vida no Planeta Terra; aprofundar sua relação com a natureza e a busca de valores e padrões que possam superar a eminente ameaça de destruição da vida.

Os alternativos que vivem na aldeia hippie de Arembepe na Bahia, buscaram um refúgio entre o rio e o mar, local que impossibilita a prática da agricultura. Ao longo da nossa pesquisa, percebemos que o artesanato está entre a principal fonte de subsistência dos moradores, certamente a fonte de renda está associada ao turismo, constituindo uma reprodução de práticas do mercado capitalista, porém, a reflexão dessa relação dos moradores com a natureza local faz parte de nosso objeto de pesquisa. Citando as palavras do artesão Carlos Alberto, podemos compreender melhor essa atitude preservacionista:

“(trabalho) com o primitivismo, pegar um pedaço de pau e transformar em alguma coisa, é arte cem por cento. Você não precisa de oficina, não precisa de recurso mecânico nem elétrico.[...] totalmente livre e isso é arte. Eu vejo ai, aprendi por ai a transformar, para a sobrevivência, um pedaço de pau, a natureza morta. Eu já tenho esse espírito assim, de preservação. Eu não tiraria, não sacrificaria, (uma árvore) acho tudo morto, com várias formas”.ⁱⁱ

Defendo a tese que os alternativos buscaram uma vida simples, viver com o mínimo possível, resistindo à lógica da acumulação capitalista, grande responsável pela degradação ambiental. Isso está presente em nosso objeto de pesquisa como uma ideia fundamental a ser desenvolvida.

Ao longo da história da aldeia hippie de Arembepe, percebemos três momentos distintos: a 1ª fase (final da década de 1960 e durante a década de 1970) representa a “descoberta do paraíso” pelos veranistas que tiveram encontro amistoso com os pescadores e desta fusão nasce o povoado com característica de vida alternativa com a prática do naturismo, meditação e uso de substâncias psicodélicas; a 2ª fase (1980) houve intensa disputa pelo território que chegou ao Supremo Tribunal Federal. A

resistência dos moradores e sua organização após fundarem a Associação dos Moradores da Aldeia Hippie de Arembepe favoreceu a vitória na posse da terra; a 3ª fase (a partir da década de 1990) houve uma disciplinarização do poder público onde a Prefeitura de Camaçari construiu equipamentos de uso comum, como o Centro de Artesanato, e a proximidade da urbanização com a chegada do Projeto Tamar cujo estacionamento ficou muito próximo da aldeia, ao mesmo tempo que favoreceu o turismo e os negócios artesanais também trouxe grande fluxo de pessoas e as transformações no tipo de comportamento e nas práticas dos atuais moradores e veranistas.

Como hipótese central, analisaremos a vida na aldeia de acordo com a construção, transmissão e (re)elaboração dos valores culturais e do comportamento relevantes no cotidiano dos moradores, bem como as permanências e mudanças. Apesar das transformações ocorridas ao longo do tempo, algumas práticas ligadas ao mito de origem da comunidade ainda persistem. Este é um trabalho que utiliza os conceitos de cultura e contracultura de maneira circular, dinâmicos, que se (re)significa ao longo do tempo. A formação da aldeia hippie de Arembepe é anterior a este contexto do Movimento Alternativo dos anos 1980, pois ficou conhecida por abrigar (de acordo com seus moradores) a mais antiga e autêntica aldeia hippie do Brasil, surgida no final da década de 1960, quando os primeiros mochileiros começaram a chegar, "ainda entorpecidos pelos acordos psicodélicos das guitarras de Woodstock".

As casas originais em palha e madeira foram sendo substituídas por casas de alvenaria, mas muitas foram preservadas. A aura da aldeia é a mesma: não há luz elétrica nem água encanada, nenhum conforto da vida moderna, mas quem mora ali pouco se importa com modernidades.

ⁱ A Conspiração Aquariana é o título do livro escrito em 1980 por Marilyn Ferguson abordando a Nova Era. É, nesta área, a pesquisa mais conhecida em todo o ocidente. A autora é uma jornalista americana que teve muitos contatos com pessoas orientais, fez muitas experiências junto a mestres indianos, e praticou a meditação transcendental. A jornalista fez "estudos", experiências e criou métodos e técnicas para o "alargamento da consciência". Ferguson acredita que estamos passando por um processo de transformações estruturais na sociedade cujos aspectos desta mudança são mais visíveis na contracultura. Dentre as teses defendidas pela autora é de que o movimento hippie e a contracultura que iniciou no estado da Califórnia, EUA, seria uma espécie de grande laboratório para as novas formas de viver no futuro, com solidariedade, paz e amor.

ⁱⁱ Entrevista concedida pelo artesão Carlos Alberto para esta pesquisa em 10/09/2008.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Cesar Augusto de. **Viagem ao Mundo Alternativo: A Contracultura nos anos 80**. São Paulo, UNESP, 2008.

GOFFMAN, Kem; JOY, Dan. **A contracultura através dos tempos: Do mito de Prometeu à cultura digital**. Rio e Janeiro: Ed. Ediouro, 2007.

FERGUNSON, Merilyn. **A Conspiração Aquariana**. Rio de Janeiro: editora Record: Nova Era. 2003. 13ª edição.

HONOR, André Cabral. **Em Busca da Nova História Cultural**. Revista Veredas da História. Vol. 2 - Ano II – Nº 1. 2009.

MARCUSE, Herbert. **A Ideologia da Sociedade Industrial**. O homem unidimensional. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1982. 6ª edição.

PEREIRA, Carlos Alberto Messender. **O que é Contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1984. 2ª edição.

ROSZAK, Theodore. **A Contracultura**. Vozes. Petrópolis - RJ, 1972.